

PERSPECTIVAS DO REDIRECIONAMENTO DA GEOPOLÍTICA MUNDIAL

- Um pensar no multilateralismo e nas perspectivas de nova soberania das nações.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO
2. HEGEMONIA x GLOBALIZAÇÃO
3. A FORMAÇÃO DOS IMPÉRIOS MODERNOS
4. AS ALTERAÇÕES MATERIAIS E DAS SOCIEDADES DE MASLOW (ou o abandono de interesses).
5. CASO BASE: A GEOPOLÍTICA EM ENERGIA RENOVÁVEL.
6. CASO ALTERNATIVO: A GEOPOLÍTICA DA GLOBALIZAÇÃO EM TEMPOS DE CORONAVIRUS.
7. CONCLUSÃO (ou Virando o Barco na Tempestade).

Os séculos XX e XXI desenvolveram uma filosofia global de multilateralismo, que convencionamos chamar de globalização. Esta globalização de meios de produção, massificação do consumo e padronização cultural atingiu metade do mundo, criando três impérios que impõe suas vontades e criam as condições de suas sobrevivências. A outra metade ficou fora desse processo e submetida a uma marginalização do que pode ser o mundo moderno. Entretanto, diversas alterações do mundo, quer no seu estado tecnológico, quer nas novas demandas sociais ou em novos e repentinos desequilíbrios regionais bem como entre nações, criam uma série de pressões disruptivas para a geopolítica global. Surgem pontos de segurança nacional, onde as estratégias dos países passam a ser consideradas no sentido de preservar suas independências de produção e consumo, bem, como atender demandas internas de aumento de bem-estar social tentando reduzir a desigualdade em relação aos mais desenvolvidos. Cairia por terra a cadeia global? Se para os povos menos favorecidos somente a globalização seria a esperança de se integrarem a uma vida melhor, o que será de um novo mundo, sem o multilateralismo "kantiano"? Ou então, se o multilateralismo veio para impor, via força de mercado, o domínio, em vez das armas, o que será se este multilateralismo falir? E em caso do deslocamento de poder dos impérios formados, como será que os perdedores agirão face à esta nova situação?

Ao meu neto Arthur:

"Apressa-te a viver bem e pensa que cada dia é, por si só, uma vida" – Sêneca.

INTRODUÇÃO

Podemos definir como “Geopolítica” os processos e forças políticas que se fazem em relação à geografia do entorno nas relações entre Estados. Rudolf Kjellen¹ cunhou o termo “Geopolitik” para entender o expansionismo de Estados dentro de uma visão do poder político de “impérios”.

Desde então, a geopolítica se tornou uma visão da dinâmica do poder e espaço que avalia tanto a polaridade (número de centros de poder) quanto a concentração (a distribuição de poder). A escola mais recente de geopolítica critica esta ontologia de poder/hegemonia e expansão espacial. Pois podemos observar que o Estado pode não ser um elemento incontornável do poder, mas somente uma forma de organização política, sendo possível acumular riquezas sem o conceito clássico do Estado Moderno. Isso dá origem a outras forças simbólicas (culturas e propostas sociais) e materiais (ciência e tecnologia, saúde, meio ambiente, etc.) que se formam como novas formas de poder alternativo. Assim, não existe uma única forma de poder, mas uma complexa mistura de diferentes poderes.

Criaremos aqui o conceito de “movimento geopolítico” como sendo forças e relações que conduzem Estados (dentro desta perspectiva de mistura de poderes) a se colocarem em posições estratégicas perante o mundo. De uma forma geral, o pensamento estratégico de uma nação no mundo moderno é conduzido por necessidades econômicas (assegurar suprimento de petróleo, por exemplo), ideologias (expansão e queda do comunismo ou a ideologia religiosa do Oriente Médio) ou premissas de comércio e financeiras, na forma atual.

O mundo moderno não requer grandes deslocamentos de exércitos ou guerras de invasões para assegurar o movimento geopolítico. Basta assegurar o seu domínio em fóruns internacionais onde se discute relações de trocas (OMC- Organização Mundial do Comércio), direitos a itens de poder (nuclear por exemplo) ou domínio do poder financeiro ou de sua parte. Hoje, a geopolítica é um vasto ambiente em nuvem, dentro de uma lógica pouco clara.

Não trataremos, aqui, de fazer um histórico dos estudos de geopolítica mundial. Mas é necessário entender como vários processos foram tomados no mundo ocidental cristão mantendo relações de poder, conferindo vantagens econômicas para alguns e subserviência para outros. Não foram poucos os movimentos geopolíticos que levaram a estudos sob a ótica de domínios, alterações políticas e territoriais, onde motivos diversos orientaram governos e nações.

Um exemplo de estudo de geopolítica, antes da efetiva criação do termo, se baseia em história da Era Cristã: “Declínio e Queda do Império Romano”. Faz uma completa análise de um império que se formou e caiu pelas circunstâncias políticas, econômicas, sociais e geográficas que fizeram a mais espetacular estratégia geopolítica já conhecida no

¹ Rudolf Kjellen (1864-1922), Suécia, cunhou o termo dentro de novo conceito de estudar o Estado dentro da Geografia (Estado e seus territórios), Economia, Sociologia e Política.

mundo, em detalhado estudo, por anos de Edward Gibbon². Sendo um dos trabalhos mais completos em relação aos fenômenos políticos, sociais, econômicos e geográficos do Império Romano, Gibbon abre uma perspectiva nova para que se tenha análises geopolíticas e das relações entre impérios da época.

Também as Cruzadas, os processos de colonização, desde que Bartolomeu Dias cruzou o Cabo da Boa Esperança, fizeram que vários movimentos geopolíticos fossem objetos de estratégia entre países. Daí nasceram diversos estudos, mas, exceto a avassaladora relação de Igreja e Estado que se formava, poucos foram objetos de estudos completos.

Passando rapidamente pelo séc. XX vimos muitos movimentos geopolíticos em que nos encaixamos em nossas vidas. Poderíamos falar das guerras mundiais, o estabelecimento da guerra fria e a divisão do mundo ocidental em duas forças (capitalismo e comunismo) ou a criação do Estado de Israel.

Mas vamos nos fixar em um evento emblemático, e até pequeno, que desencadeou parte de movimento geopolítico mundial, dos meados do séc. XX e na virada do séc. XXI, até que passou a ter um reduzido interesse nos dias de hoje, A Guerra do Suez. Tem início com o fechamento, pelos egípcios, comandados por Nasser, do Estreito de Tiran, a única hidrovía acessível para o Mar Vermelho. França e Grã-Bretanha assistem o risco de ficarem sem comunicação e, assim, terem o risco da perda de seus impérios seculares; bem como Israel se vê privado de acesso ao mar. Trata-se um dos marcos da geopolítica moderna, onde o nacionalismo, os interesses econômicos, a guerra fria em escala global bem como o conflito árabe-israelense detoram uma crise que perdurou até recentemente na divisão de interesses na segurança energética mundial. Esta visão é colocada em toda a extensão, desde o início até o declínio da demanda por petróleo, em "The Quest"³ que analisa o movimento mundial movido pela necessidade de assegurar o petróleo.

Atualmente geopolítica pode ser entendida de várias formas, como se poderá depreender adiante. Mas se faz dentro de um processo de estabelecer a hierarquia de poder de Estados dentro de diversas perspectivas do mundo moderno.

2- HEGEMONIA x GLOBALIZAÇÃO

Os impérios são lembranças agressivas e mercantilistas quando, após o final da II Guerra Grã-Bretanha, França e Portugal se retiraram de colônias na Ásia e África, seguindo-se da derrocada da União Soviética, com a queda do Muro de Berlim. O mundo passa de cerca de 50 países para 193 países em 2019, sem contar Estados observadores como Vaticano e Palestina, por exemplo.

² Livro: Declínio e Queda do Império Romano. Edward Gibbon. Editora: Vicking Press, 1952. Gibbon publica o primeiro volume em fevereiro de 1776. Somente depois da publicação total da obra (segundo e terceiro volumes em 1781 e os últimos três em 1788 é que se tem a dimensão exata do estudo, elogiado por Adam Smith. Discorre desde a extensão do poderio militar da dinastia dos Antoninos (98-180 d.C.) até as ruínas de Roma no séc. XV.

³ The Quest – Energy, Security and the Remaking of the Modern World, Daniel Yergin. Editora Penguin Press, NY, 2011.

Observamos, já na passagem do séc. XIX para o séc. XX, a conturbada interpretação da “Teoria da Vontade de Potência” de Nietzsche na proposta insofismável, para a época, da soberania e da Vontade dos Estados. Desde a convenção de Genebra (1874) passando por Haia (1899-1907) o mundo trilhou o caminho de se entender num processo de “Voluntarismo Clássico”. Criava-se a atitude de “interdependência voluntária e limitada aos objetivos específicos de cada Estado”, onde “sem a vontade do Estado nenhuma norma a ele se obriga”, mas onde havia o desejo de uma certa cooperação mundial em torno de dirimir conflitos ao largo de guerras. Como bem expõe Maria Adriane de Alcântara⁴: “O Voluntarismo nasce de uma ação objetiva e uma subjetiva. A objetiva é o consentimento, fruto do ato de soberania, de criar a interdependência. A ação subjetiva é a vontade, que é uma liberdade, de poder agir, em nome de um objetivo comum”. Com a Primeira Guerra Mundial, a Corte Permanente de Arbitragem (CPA) criada pela Convenção de Haia, perde a sua finalidade. Desta forma o mundo procura nova orientação para seus tratados de cooperação e de não uso militar com o Pacto Kellogg-Briand⁵, em 1928. O Voluntarismo dá espaço para uma proposta de “Interdependência”, procurando a ordem de interesses comuns dos Estados, dentro da Teoria do Imperativo Categórico de Kant.⁶ Vemos, também, que a proposta de interdependência trazia uma nova distorção geopolítica, objetos de estudos, que foi a assimetria entre Estados, onde um Estado poderia ser “menos dependente”, sendo isso uma fonte de poder, criando condições de manipulação. Nasce, portando a ideia de um mundo “kantiano” que orientou a política internacional a partir do século XX.

Com a falência da Liga das Nações e a criação da Organização das Nações Unidas - ONU, o mundo é revestido de uma nova característica dentro da geopolítica:

- A inserção de Israel no então centro mundial de produção de petróleo.
- A criação das agências que pretendiam ter o processo multilateral de controle, fiscalização e colaboração, na sombra abrangente da recém-criada ONU. Neste caso vamos citar duas na ordem do dia: Organização Mundial da Saúde (OMS) e Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA).
- O conceito da divisão mundial da guerra fria, com a dicotomia capitalismo x comunismo.
- O conceito de incentivo ao consumo, em larga escala, por todas as nações. Nascia a condição primária para a produção “inter-Estados”. Se tomava como pronta a era da Globalização, onde se iniciava um novo mundo.

Um breve ponto em relação ao último. Com a criação do Plano Marshall e a recuperação econômica dos países destruídos pela II Guerra, se tornava imperativo criar um mercado de consumo “global” de forma a dar vazão rápida a uma tremenda força de produção que estava sendo formada, no sentido de assegurar em prazos módicos o retorno do capital empregado. O forte incentivo ao consumo e novas formas de bem-estar era base

⁴A citação do trabalho está no próximo item. A cronologia e a adjetivação da interdependência é adaptação do autor, como uma interpretação do trabalho citado.

⁵ Pacto elaborado por EUA e França e assinado por 54 nações em 27/08/1928, declarando renúncia à guerra para solução de conflitos.

⁶ Do trabalho ainda a ser publicado: A Garantia da Coexistência dos Estados através de Movimentos Antinômicos: a Independência e a Interdependência, de Maria Adriane de Alcântara, professora e doutoranda da PUC-MG e autora do livro: Os Tribunais Internacionais e os Efeitos de suas Decisões.

da pirâmide do plano de recuperação de países abalados pela guerra, onde a história de guerra anterior mostrava que eles não poderiam ser abandonados a própria sorte, pois seria o risco de uma nova história de humilhação que levaria a uma nova guerra futura. Esta formidável campanha global, foi levando o mundo a aceitar um conceito de “multilateralismo”⁷ que se firmava com base nas ditas “forças do mercado”. Seria inacreditável para alguns imaginar que estas cadeias produtivas pudessem se deslocar tão fortemente com base num mercado tão globalizado e promovido no marketing e nas condicionantes de investimentos.

Com a criação de um mundo instável, a imperiosa necessidade de avanço no consumo se fez em ampla campanha da “aldeia global”, do voraz processo global de engolir a autonomia de economias nacionais, via um mercado financeiro globalizante.⁸

Em alguns países, incluindo o Brasil, a visão de um mercado global era erroneamente discutida, dando foco a um processo de visão marxista e não de estratégia de nações. Dessa forma as forças de um mercado de capital arrastavam indústrias para um processo globalizante. A xenofobia formada não levava a um processo de geopolítica nacional.⁹

No Brasil, somente em 1981, o então ministro Golbery do Couto e Silva, propõe uma forma de pensar o país neste quadro de mudanças mundial.¹⁰ Ao mesmo tempo a indústria nacional passava por espetacular transformação cedendo tecnologias nacionais aos processos de corporações multinacionais¹¹. O Brasil lutava para se firmar em áreas estratégicas de conhecimento, firmando o Acordo Nuclear com a Alemanha, garantindo a transferência de tecnologia.

As cadeias de produção de um mundo, baseada em Estados dominantes, confiavam na detenção de processo, P&D, sinergias, capacidade de capital e investimentos, entre outros. Entretanto, vários estudos já traziam considerações de uma mudança da geopolítica global e já começavam a duvidar da capacidade de poderes econômicos constituídos por mercado globais de manterem a soberania no final do séc. XX. A falta de crédito dada a estes estudos e a falta de percepção estratégica de um mundo diferente, do lado oriental, levou a um erro de ótica sem precedentes. O espetacular erro visionário pode ser visto pelo artigo da revista Business Week, não acreditando que

⁷ Agradeço à minha amiga Maria Adriane de Alcântara, por poder usar a sistematização do seu raciocínio e do seu trabalho. Sua conclusão que todas estas forças desenvolvidas na cooperação internacional trouxeram desequilíbrios de poder foram importantes para mim.

⁸ Nas décadas de 1970/1980 tais discussões eram muito fortes no processo de desenvolvimento brasileiro. Enquanto os governos militares procuravam a criação de parte da indústria forte nacional, outras partes desta indústria passavam para o domínio de multinacionais. Por outro lado, a famigerada Lei da Informática condenava o Brasil a um atraso de hardware e software sem proporções.

⁹ Esta discussão, desarticulada e ideologicamente conturbada, é bem vista no livro: *Veias Abertas para a América Latina*, Eduardo Galeano.

¹⁰ *Conjuntura Política Nacional, o Poder Executivo & Geopolítica do Brasil*. Editora José Olympio, RJ, 1981.

¹¹ No Brasil uma voz se levantava contra esse processo. Livro: *A Ditadura dos Cartéis*, Kurt Mirow (perdi meu exemplar). Fortemente condenado pela ditadura da época, o autor relata, de forma chocante, de como a indústria nacional foi despedaçada.

a China (leiam-se outros também) poderiam vir a dominar o mundo¹²: “Será que a China pode vir a dominar o mundo? Claro que não. Os EUA ainda são os maiores produtores do planeta, fabricando 75% do que consomem, apesar deste número representar uma queda em relação aos 90% de meados da década de 1990. Os setores que requerem orçamentos gigantescos de P&D e violentos aportes de capital, tais como as indústrias aeroespacial, farmacêutica e automobilística continuarão por um bom tempo com sólidas bases nos Estados Unidos...”

3- A FORMAÇÃO DOS IMPÉRIOS MODERNOS

Chegamos no final do século XX com uma transformação mundial, onde poderíamos citar quatro ícones de mudança:

- 1- A instalação de Israel e a situação de conflito no Oriente Médio. As crises do petróleo em 1973 e 1979.
- 2- A Queda do Muro de Berlim em 09/11/89, a derrocada da União Soviética e a reunificação da Alemanha.
- 3- O Ato Único Europeu, 17/02/1986, que criava as condições para mercado sem barreiras na Unidade Europeia.
- 4- A Era Deng Xiaoping, pós revolução cultural de Mao, na China.

Com a criação do Estado de Israel a geopolítica foi toda reorientada por uma divisão de interesses que se formava no Oriente Médio. Assiste-se a uma política de assistencialismo e intervenção militar na região que desviava outros interesses do mundo.

O mundo ocidental enfrentou a crise do petróleo em 1973, embargo imposto pela OPEP pelo apoio do mundo ocidental a Israel na Guerra dos Seis Dias; e a crise de 1979, com a redução de produção depois da revolução iraniana. Em duas crises o mundo se preparou para, à médio prazo, entender a necessidade de outras fontes de energia e como fazer com os produtos óleo e gás.

Já a queda do Muro de Berlim, impunha a vitória do capitalismo e a criação de novos mercados. A Ucrânia, por exemplo, trazia ricos valores naturais, para o mercado europeu. Ao mesmo tempo a reunificação da Alemanha criava um espetacular mercado e recuperação econômica de parte vital da Europa.

O Ato Único Europeu, de 17/02/1986, identificava 279 medidas legislativas para a eliminação de todas as barreiras e fronteiras para os membros da União Europeia, transformando uma série de países em um único império que continua absorvendo países anos após ano.

Ao emergir do seu segundo exílio, em 1977, Deng Xiaoping já articulava a visão da modernidade chinesa. Suas ideias de reforma econômica rejeitavam todas as ortodoxias ao mesmo tempo que se implantava o conceito de descentralização da produção econômica chinesa, que seria a arrancada para seu impressionante crescimento. Tudo isso baseado em um impactante programa de educação de seus

¹² Business Week de 06/10/2004 – Matéria de Capa.

talentos no mundo ocidental. Assim já manifesta Kissinger¹³: “O que Deng rotulava de “Reforma e Abertura” era uma empreitada não só econômica como também espiritual. Implicava, antes de mais nada, a estabilização de uma sociedade a beira do colapso econômico e, em seguida, uma busca de força interior para avançar por novos métodos para os quais não havia qualquer precedente, fosse na história comunista, fosse na chinesa”. E assim a China entrou, e continua perseguindo metodicamente, no caminho de cumprir a sua meta de ser a maior potência mundial, recuperando a sua posição de “Império do Meio”. Tal como a União Europeia ela vem transformando Estados vizinhos em províncias “semi-soberanas”, não pelo uso militar, mas pela expansão demográfica e integração econômica.

Uma série de livros já chamavam a nossa atenção, e do mundo, para as mudanças em função de condicionamentos geopolíticos que vamos discorrer ao longo do trabalho. Já vaticinava Friedman em 2007: “Em outras palavras, se americanos e europeus quiserem tirar proveito do achatamento do mundo e da interconexão de todos os mercados e de polos de conhecimento, vão precisar correr pelo menos tão rápido quanto o mais rápido dos leões. Desconfio seriamente que é a China que vai ser esse leão – e um leão muito bom de corrida, diga-se de passagem”.¹⁴

Diversos autores investigaram e teceram considerações nas formas dominantes que se formavam nas estruturas multinacionais dentro de um padrão de “confiança” (guardemos este termo) de que haveria a continuidade de abastecimento das eficientes cadeias multinacionais de produção. O mundo passou a confiar e se vangloriar que “tanto uma pessoa no Brasil ou nos Estados Unidos pudessem vestir a mesma roupa feita no Paquistão ou Índia”.

Em que pese o mundo da logística e produção terem sido dominados pelo capital e investimentos, que determinavam a produção e distribuição, o mundo do consumo ficou sob as rédeas do poder da economia dominante ocidental, cuidando para assegurar a maximização dos lucros e retorno rápido dos investimentos. O mundo assistia a outra revolução impactante na geopolítica mundial. Os padrões de consumo são “dominados” e o mundo acertado dentro de uma massificação de marketing e de um pressuposto de economia de escala. Segundo Khanna: “Na verdade porque todas as grandes potências dispõem hoje de armas nucleares, o poder econômico é mais importante que o poderio militar... Esses impérios comerciais abrigam corporações globais que controlam cadeias mundiais de abastecimento não raro sediadas em domínios de outros impérios, que significa que a manutenção de sua prosperidade depende da força, e não da fraqueza, dos outros”.¹⁵

O Poder migrou do monopólio para o mercado, no que na denominação do já citado Khanna trouxe o “mercado geopolítico”. Dentro dessa visão de mundo “kantiano” de cooperação, as relações comerciais e econômicas entre Estados passaram a ser vistas como parte da solução pacifista para conflitos entre Estados.

O poder não tolera vácuo. As alterações do mundo permitiram que, rapidamente, forças se acomodassem para ditar uma nova ordem. O colapso soviético não assegurou a hegemonia global dos EUA. Europa e China saíram da sombra e se projetaram em forças

¹³ Livro: Sobre a China. Henry A. Kissinger, 2011. Editora Objetiva Ltda.

¹⁴ Livro: O Mundo é Plano, Uma Breve História do Século XXI, Thomas L. Friedman, Editora Objetiva Ltda, RJ, 2007.

¹⁵ Livro: O Segundo Mundo, Impérios e Influência Global na Nova Ordem Mundial, Parag Khanna, Editora Intrínseca, RJ. 2008.

de poder externo. No mercado geopolítico os países consumidores escolheram quais as superpotências seriam suas protetoras, sendo que alguns países escolheram mais que uma. Na virada do século se dá a transformação de forças financeiras, onde a crise de 2008 celebra a consolidação da Europa como mercado autônomo, e a grande capacidade financeira da China, adquirida por algumas décadas de acumulação, ganha força. Os EUA já não se constituem mais a área de segurança e países migram para guarda-chuvas de outros países que se apresentaram no campo diplomático de várias formas. EUA, Europa e China representam três tipos de estilo diplomáticos diferentes.

Os Estados Unidos se apegam, ainda, ao estilo de coalização, fruto da doutrina Truman, exercida na Guerra Fria, dentro da expectativa de uma aliança anticomunista. Continua a sua ambição de liderar interferindo em muitas disputas no mundo. Com o individualismo sendo o verdadeiro credo americano, a absoluta ênfase no interesse próprio resulta na debilidade do processo diplomático de conquista e confiança. Conforme dizia Charles De Gaulle, não existem amigos, só interesses.

A União Europeia é um processo revolucionário de alterar a centralidade política, propondo um governo interestatal. Agrega países dentro de uma sistemática que mais parece uma fusão corporativa do que conquista política, indo da África do Norte ao Cáucaso. Formadas com legislações supranacionais, estabelecem padrões normativos, legislações comuns e se projetam dentro de um horizonte comum. Excetuando o aspecto militar o potencial europeu é maior que o americano. Movida por uma diplomacia de consenso se governa dentro de um processo trabalhoso, mas que estão cada vez mais atraindo países para este estilo europeu.

A China se tornou um polo de gravidade, representado um modelo de diplomacia imperial. Derivado dos hábitos confucianos, apresenta-se com um comportamento consultivo dando ênfase à maior convergência e, ao mesmo tempo, se propondo a ser elemento de “convergência onde existe divergência”. Conta com mercado potencial fantástico de seus vizinhos que se contentam em dividir esta parte do império. Hoje a China se empenha em fazer alianças competindo com a matéria de abastecimento e investimentos no Golfo Pérsico, América do Sul ou Ásia Central. Ao mesmo tempo se alia em cadeias de abastecimento primário de energia e minerais onde os EUA tentam reprimir (Venezuela, Irã, Zimbábwe, Uzbequistão, entre outros).

Esses três países já detém o novo poder geopolítico do mundo e cuidam, agora, de evitar que novos aspirantes se tornem novos impérios. Rússia, Índia, Brasil, Japão se tornarão potências de porte médio, gravitando de alguma forma, em torna de superpoderes constituídos. Poderão ter algum tipo de poder, inclusive militar, o que só retardará o processo de consolidação dos 3 impérios já constituídos.

Estabelece-se assim um novo mundo, onde o poder militar de controle passa a ser feito em um processo de desigualdade no novo mundo “kantiano” de globalização. Como coloca Khana: “Houve um tempo que as colônias eram conquistadas; hoje os países são comprados”. Em um certo momento acreditou-se que a globalização fosse o processo de americanização do mundo. Na verdade, ela acelerou drasticamente a queda da “Pax americana”.

4- AS ALTERAÇÕES MATERIAIS E DAS SOCIEDADES DE MASLOW¹⁶

Os impérios formados prosseguem a sua luta nas conquistas individuais. A paisagem geopolítica se rende, em parte, aos processos de globalização, como sendo a força capaz de deter as rodas cíclicas do conflito global. A globalização passou a ser o grande processo mundial, e não se trata de discutir se ela ocorre, mas de *entender o ponto onde ela para*.

Entretanto o processo global continua injusto, pois mesmo que o mundo se torne global não seria apagada essa hierarquia econômica e política e o sentimento de injustiça que dá origem aos conflitos, pois os impérios são governados, como sempre foram, pelas forças do medo e cobiça. Conforme Khanna, em obra já citada: “A interdependência de hoje é efetivamente uma teia, mas são muitas as aranhas”.

O processo de globalização resultou em dois mundos:

- Uma parte do mundo globalizado, 50% da população mundial.
- Um mundo rejeitado, outros 50%.

Esse é o drama do processo de globalização parcial. Tanto as pessoas como as nações obedecem a “hierarquia das necessidades de Maslow”. Passa por atender primeiro as necessidades de déficit (satisfação de fome e sede), depois às necessidades de segurança (abrigo e estabilidade da conquista de satisfação da fome e sede), e depois as necessidades de bem-estar e auto realização (sentimento de integração, amor, cuidado social, respeito e reconhecimento). Assim Estados e sociedades perseguem o que já era dito por Adam Smith¹⁷ sobre “melhorar as condições das sociedades”.

Existem nações que constituem cerca de 3,5 bilhões de pessoas no mundo, à margem de qualquer benefício de políticas globais, sendo parte de um mundo “kantiano” desigual. Estas nações, com seus bolsões de globalização minoritários, comportam milhões de pessoas que não tem esperanças de poder ascender aos moldes de uma classe média global. E sem nenhuma esperança de serem financiadas para um programa de salvação de vidas. Segundo Bill Gates: “Ninguém financia nada para esses 3 bilhões de pessoas. Alguém estimou que o custo de salvar uma vida nos Estados Unidos é de 5 a 6 milhões de dólares. Fora dos Estados Unidos é possível salvar uma vida por menos de 100 dólares. Mas quanta gente quer fazer esse tipo de investimento?”¹⁸

Na esteira das nações “semi-globalizadas” existe um grupo numeroso de pessoas que ainda não tiveram como penetrar neste mundo global de produtos e seguranças, pressupostas. Esta é a verdadeira bomba social: cada vez que um habitante de uma zona

¹⁶ O autor preza muito os estudos de Abraham Maslow (EUA, 1908-1970). O autor desenvolveu a “pirâmide de Maslow” para o setor elétrico, amplamente divulgada em suas apresentações.

¹⁷ Adam Smith, Teoria dos Sentimentos Morais. Livro aberto.

¹⁸ Entrevista dada por Bill Gates para Thomas Friedman, em livro já citado. Ver capítulo “A Geopolítica e o Mundo Plano”. A Fundação Gates se tornou referência mundial no processo de fabricação de vacinas e combate a malária. Em 2003 lançou o projeto Grandes Desafios da Saúde Global, onde trabalha em 14 desafios discutidos com a comunidade científica mundial.

CARLOS AUGUSTO LEITE BRANDÃO

rural, aldeia ou comunidade, se depara com a propaganda de um carro, shampoo ou outro produto de consumo, o que ele nota não é o produto, mas o estilo de vida das pessoas que os compram.

E uma das consequências deste mundo global é que ele coloca diferentes culturas e sociedades em contato direto uma com as outras de forma muito ampla. Liga as pessoas e culturas entre si, sem elas estarem preparadas para isso. Algumas culturas prosperam dentro de uma perspectiva de colaboração, mas outras se sentem ameaçadas e frustradas, transformando isso em “humilhação”.

E pode ser este estado psicológico e sociológico, onde pessoas e sociedades se deparam com a tragédia individual de enfrentar uma sentença de morte, por causa de uma doença, ou a expectativa de prisão perpétua no seio de famílias arruinadas e com expectativas limitadas. São pontos que implicam em pressões políticas internas para depois se transformarem em movimentos nacionais e geopolíticos.

Este estado de humilhação deu origem a líderes como Hitler, Stalin e Mussolini. Bin Laden ofereceu o mesmo tipo de resposta ideológica aos jovens árabes e muçulmanos.

A combinação de uma restrição de recursos naturais, da deterioração do clima do planeta com suas catástrofes e perdas de produção de alimentos bem como a intensificação de pandemias, poderá provocar uma atitude de humilhação extrema de Estados e Sociedades provocando nova hecatombe universal?

5- CASO BASE: A GEOPOLÍTICA EM ENERGIA RENOVÁVEL

Desde a Revolução Industrial o movimento do mundo moderno se fez sem considerar a eficiência energética em processos e produtos. Tivemos dois séculos de grande expansão de fontes fósseis de energia.

A preocupação com o uso destas fontes fósseis não foi objeto de segurar o consumo. Mas Lord Kelvin já avisava em 1881, em seu discurso na Associação Britânica para o Avanço da Ciência (em Edimburgo), que a energia fóssil era precária e que o desastre chegaria. Ainda afirmava: “que a única esperança que ele poderia oferecer eram os moinhos a vento e motores movidos a vento que, de alguma forma, seriam ascendentes novamente”.¹⁹

A entrada da China neste mercado se inicia no final da década de 1970. Em abril de 2000 a China promove IPO de sua grande empresa no ramo, A CNPC- China National Petroleum Corporation, onde o investimento internacional passa a participar. Seguem os IPO's da SINOPEC (The China Petroleum and Chemical Company) e da CNOOC (China National Offshore Oil Corporation). Pronto, estava estabelecido o que se passou a chamar “a globalização da produção e demanda de óleo”.

Os impérios apresentavam um consumo de petróleo de 14 barris/pessoa/ano. Enquanto isso, os Estados satélites, do mundo em desenvolvimento, apresentavam um consumo de 3 barris/pessoa/ano. Pronto, estava colocado o problema. Como seria o equilíbrio de

¹⁹ Livro: The Quest, já citado.

produção e consumo, se os países em desenvolvimento duplicassem o consumo per-capita?

Nascia uma questão delicada. Como seria controlada as fontes de produção mundial e de como alocar tal produção?

Ainda estava longe a questão ambiental. O estudo do clima começa nos Alpes por volta de 1770, como mera curiosidade. No séc. XIX alguns cientistas começam a pensar seriamente nas mudanças climáticas, mas não por causa do aquecimento global, mas pelo receio da terrar retroceder a uma nova era glacial. Somente no final da década de 1950 alguns pesquisadores começaram a calcular o risco de carbono na atmosfera e tentar entender qual seria o aumento de temperatura. Concluíram que o risco não era do retorno para a era do gelo, mas do aquecimento global. Mas somente no séc. XXI o assunto passou a ser tratado de forma global e base de decisões de empresas, investidores e governos.

A geopolítica de energia passou, assim, a ter o significado da diversificação das fontes de óleo e gás e as necessidades de cuidar do planeta. Uma série de projeções em relação a energia renovável tem levado a empresas dedicarem investimentos em estudos, pelas suas características de crescimento, sobre a alteração da matriz energética global e a perda parcial de significado estratégico das reservas do Oriente Médio de óleo, seja pelas novas descobertas de campos de óleo e gás bem como do uso de novas tecnologias em relação ao forte impacto na proposta de redução de temperatura global. Deve-se observar, ainda, que novas fontes renováveis de energia, ao mesmo tempo que causam os benefícios citados são, com certeza, meios de independência de fontes de óleo e gás. Por outro lado, elas trazem dois problemas sérios, o terrorismo em fontes renováveis o ataque cibernético aos processos de controle.

A venda de carros com combustíveis alternativos tem crescido violentamente. A venda de equipamentos para geração renovável entre países tem causado fortes tensões comerciais entre nações, como a disputa de venda de equipamentos para energia solar entre União Europeia e China ou entre Estados Unidos e Índia. Os investimentos em renováveis estão em todos os cantos do mundo muitas vezes ultrapassando os casos de investimentos em óleo e gás. Novos stakeholders se formam em um novo mercado, com fortes investimentos de empresas fora do ramo energético.²⁰

A década de 1970/1980 tomou o mundo de surpresa com o choque do petróleo. No final do século XX, os EUA davam partida comercial a produção de gás natural proveniente de fontes não convencionais, o “shale gas”. Era a consequência de décadas de investimentos em pesquisas para o tão sonhado sonho de autonomia energética americana. A explosão de produção bem como a constatação das enormes reservas em “shale” para produção futura, faz com que os EUA tenham total independência na produção de sua energia (onde o gás corresponde por 50% do uso de combustíveis fósseis). Da mesma forma outros países, a exemplo do Brasil, conquistaram enorme

²⁰ Google está investindo em diversos projetos em diversos lugares do mundo, como o projeto eólico de Lake Turkana, no Quênia, o maior investimento na história do país. Diversas empresas apostam em hidrogênio e carros autônomos elétricos, sendo novos players na área de energia.

capacidade de produção e identificação de reservas para seu próprio uso (gás natural e exploração de poços profundos). Ao mesmo tempo a Rússia se tornava grande produtor e exportador de gás para países vizinhos e toda a Europa. O petróleo deixava de ser tão importante. Suas fontes de produção diversificavam e o preço passa a ser mais controlado pelo “mercado” e menos por intervenções geográficas.

O Protocolo de Kyoto é elaborado e assinado pelas nações em 1997. Com cerca de 25% das emissões de CO₂ no mundo, os EUA são peça chave, desde então, nas discussões de redução de emissões. Entra em cena a grande oportunidade de negócios em “sequestro de carbono”, que prometia ser um movimento geopolítico de investimento em larga escala. Surge a indústria de energias renováveis, abraçadas por sociedades, mundo de investimento e agentes de mudanças globais.

O mercado de energias renováveis traz, perigosamente, diferentes pontos de disrupção em relação à geopolítica mundial:

a- Cadeia de produção crítica de materiais estratégicos.

A aceleração das energias renováveis pode provocar a “cartelização” de produtos estratégicos. Alguns destes materiais são críticos também para a produção de armas, aumentando a competição por demanda em setores diferentes.

São materiais críticos os elementos raros como Disprósio, Neodímio, Térbio, Európio e Ítrio.²¹ Ironicamente estes elementos estão presentes na natureza e não são, necessariamente, raros. Estão na China, Rússia, Austrália, EUA, Brasil, Índia, Malásia e Tailândia. Entretanto China e Rússia detêm 57% das reservas globais, enquanto o terceiro país em reservas, Austrália, detém somente 2,4%.²² Além disso são materiais que não se encontram em estado concentrado, com dificuldades de separação, mineração e processamento implicando em indústria de capital intensivo.

O assunto merece estudos específicos. Em estudo recente, foram identificados 23 minerais, de commodities, que são pontos de risco e de disputa para os Estados Unidos. Alguns exemplos: Os EUA dependem de 83% das importações de Rênio, que o Chile detém 56% da produção mundial. Da mesma forma dependem de 100% do Tântalo, sendo que o Congo detém 39% da produção mundial; de 100% do Cobalto, sendo o Congo detentor de 70% da produção mundial; de 74% da Platina sendo a África do Sul produtora de 72% do total no mundo; de 73% do Cromo, que a África do Sul produz 41% do total mundial ou do 100% do Ítrio, que a China produz mais de 95% do total do mundo.²³

No curto prazo as estratégias para uso de materiais alternativos são poucas e se mostram de baixo impacto, se fossem adotadas. Mas o mundo confiou em um

²¹ Correspondem aos seguintes números atômicos respectivamente: 66, 60, 65, 63, 39.

²² U.S Geological Survey. 2016. Rare Earths, Mineral Commodity Summaries. www.minerals.usgs.gov

²³ New Methodology Identifies Mineral Commodities Whose Supply Disruption Poses the Greatest Risk to the U.S Manufacturing Sector. Publicado em 21/02/2020. www.usgs.gov.

mercado global onde as alternativas tecnológicas não consideraram estes riscos.²⁴ Em muitos países o tempo para desenvolver novas alternativas aos minerais hoje usados são maiores que dez anos. E novas tecnologias para substituição de minerais raros utilizados demoram muito para serem viabilizadas. Como resultantes de tal contexto escassez de produtos e falta de atendimento à demanda pode ocorrer de forma súbita.

Certamente o mais conhecido elemento dentro dessa cadeia de renováveis é o Lítio, também crítico, atualmente. O Lítio é elemento básico nas tecnologias de armazenamento de grandes quantidades de energia elétrica, com maior desenvolvimento neste momento, com menores custos. São tais tecnologias que propiciam a melhor condição de armazenamento de energia nos menores custos.²⁵ Este mesmo elemento é usado para produtos de consumos básicos, indo de celulares a computadores pessoais, etc. Os maiores produtores mundiais são Austrália, Chile, China e Argentina. A Bolívia tem grandes reservas, mas não são exploradas. Existe, como já é fonte de diversos estudos, um descasamento entre a produção global de lítio e a demanda cada vez crescente.

A capacidade de reservas de todos os minerais não são expectativas exatas, mas são dependentes de diversos fatores como demanda, investimento em prospecção geológica, extração e processamento de minérios, e seus custos associados. A demanda de cada mineral estratégico é função da tecnologia que prevalece no momento, onde somente a pesquisa de outras tecnologias pode fazer uma substituição de minerais atualmente usados.

b- Tecnologia e Finanças.

O desenvolvimento em tecnologias de energias renováveis requer muito investimento e infraestrutura. Como consequência a propriedade industrial se torna importante neste desenvolvimento. Isso se torna importante para países que possuem capacidade de desenvolvimento de tecnologias e capacitação industrial. A realidade pode criar uma defasagem entre a fonte de poder, que pode assegurar acessos a fontes destas tecnologia e demais demandantes. Isso pode levar às seguintes situações:

- Em um primeiro cenário, o aumento de tensões entre países em desenvolvimento e países desenvolvidos pode ser grande pela necessidade de transferência de tecnologia em renováveis. Pois os países que hoje investem em tecnologias e infraestrutura em renováveis podem ser os países geopoliticamente dominantes amanhã. Desta forma a estratégia de investimentos em P&D nesta área pode representar uma perspectiva de domínio geopolítico de certos Estados. No que pese existirem esforços no sentido de cooperação no desenvolvimento de renováveis no mundo, como Mission

²⁴ Karen Smith Stegen, em artigo: “Heavy rare earth, permanent magnets, and renewable energies: an imminent crisis”(Energy Policy – 2015) apontava três estratégias básicas: a- desenvolvimento de cadeias de produção em outros países; b- redução da dependência destes materiais raros nos processos de energia renovável e outras áreas da indústria; c- reciclagem, baseada em forte cadeia reversa mundial.

²⁵ www.abaque.com.br: “Roadmap para Armazenamento de Energia – A construção do futuro”.

Innovation²⁶, e fundos de investimento públicos e privados, para acelerar o desenvolvimento destas tecnologias isto é visto, hoje, com um bastante ceticismo face ao grau de competição de empresas de diversos países. Assim, a União Europeia, por exemplo, aplica altas taxas anti-dumping e anti-incentivos de células e painéis solares da China. Estas tensões poderiam ser maiores em função do deslocamento de novas tecnologias que poderão promover rápida substituição de outras que não teriam ainda tempo para amortecer investimentos feitos. Por exemplo: o impressionante crescimento de tecnologias em hidrogênio e células combustíveis poderão provocar um brutal processo de competição entre modos de armazenamento por baterias por estes novos processos, criando uma nova diferenciação entre países detentores de tais tecnologia, por questão de custos.

- Em um segundo cenário podemos considerar os aspectos relativos à competição em termos de infraestrutura provenientes ou não de empresas já do ramo de energia. Neste sentido a Alemanha, por exemplo, tem feito enorme esforço no planejamento estratégico de suas empresas, bem como outros países têm acompanhado tais esforços. China, Estados Unidos e Japão lideram esta corrida. Assim, ganha destaque o processo da China, com a sua criação do “Global Energy Interconnection”, com previsão de entrada em operação em 2050. Tal projeto procura integrar todo o mundo, da calota polar às grandes fazendas solares e eólicas do equador terrestre, em um investimento de cerca de 50 trilhões de dólares, conduzido pela empresa chinesa State Grid, presente no Brasil. Promoverá, não só o uso integrado de diversos tipos de fontes renováveis, mas um processo econômico integrado de Eletricidade, Mineração, Metalurgia, Manufatura e Comércio Internacional, *promovendo um virtuoso ciclo de desenvolvimento econômico* (grifo nosso).....Entre os estudos interessantes e propostas deste monstruoso processo de globalização energética está a forma de transferir o uso do poder das águas de um continente para outro, via a integração da transmissão de energia elétrica entre África, Europa e Ásia²⁷. Resta entender como países e impérios poderão se ver diante de uma perspectiva de tais tamanhos de interesses econômicos envolvidos em energia renovável.

- Em terceiro discute-se o deslocamento do interesse econômico em renováveis para um grupo de investidores que abrange um número grande de pequenas empresas e start-ups dentro de um processo de geração distribuída, micro-grids, sistemas off-grids, etc. Como se trata de investimentos que podem iniciar em uma escala menor isso se torna a ameaça de novos entrantes em um mundo de empresas multinacionais já estabelecidas. Em uma área estratégica onde investimentos são enormes esta pode ser uma causa de tensão entre Estados.

²⁶ www.mission-innovation.net. Trata-se de acordo entre 24 (incluindo Brasil) e União Europeia nos esforços de desenvolvimento e abertura de tecnologias em energia renovável.

²⁷ <http://www.gei-journal.com/en/contents/105/830.html>. A integração dos sistemas de transmissão (que segue a rota do homem primitivo na ocupação do mundo) busca usufruir dos recursos hídricos onde quer que eles estejam. Modelos matemáticos e apresentações se encontram no exemplar de sua revista, no site, de fevereiro de 2020.

c- A disputa entre sociedades e territórios de renováveis.

Da mesma forma que ocorreu com petróleo e gás, os investimentos em energia renovável trazem uma criação de valor para regiões e territórios. A ocupação de vastas áreas (e não de forma pontual como óleo e gás), muitas vezes em latifúndios mal resolvidos requer de países e governos um nível de governança que garanta estabilidade. Tal situação pode gerar bem-estar em zonas de baixa renda.

Face a uma série de serviços que podem ser prestados no local a implantação de energias renováveis, tem-se uma nova situação que pode gerar uma cadeia produtiva local, deslocando ou gerando renda. Para isso se torna importante a estabilidade política.

Por mais que as energias renováveis possam ser objetos de desenvolvimento social elas podem gerar desigualdades regionais ou entre países por uns serem menos favorecidos do que outros. Inclui-se neste caso, alguns países que podem ter perda de renda ou geração de desequilíbrio regional mais forte, colocando em riscos grandes investimentos feitos.

d- Planejamento e Modelagem de Sistemas de Transporte de Energia.

As formas de energias renováveis irão requerer a discussão e convivência com tipos diferentes de sistemas de transporte de energia.

De forma a assegurar a confiabilidade de geração de diversas fontes, que necessitam de complementariedades, torna imprescindível o desenvolvimento do que se denomina “Supergrids”. São linhas de transporte de energia multinacionais, que foram desenvolvidos inicialmente para aumento de confiabilidade, ligando fontes e sistemas convencionais entre países. Recentemente tais sistemas estão sendo desenvolvidos para o compartilhamento de recursos renováveis e ganho em escala. Cita-se como exemplo o “North Sea Offshore Grid”, proposta de interligação de diversos países com parques de energia renovável, principalmente eólica (“está sempre ventando em algum lugar”).

Em que pese que os diversos supergrids em desenvolvimento possam ser instrumentos de paz entre Estados, haverá sempre o outro lado da moeda. Até que ponto um país grande produtor de energia renovável, colocado na cadeia de produção, não poderá usar o corte desta produção como uma arma? Tal medo estará sendo compensado por outros instrumentos de pressão como tratados e empréstimos/financiamentos bilaterais que possibilitem alguma arma de retaliação. Em tais condições os fluxos financeiros de uso do sistema de transmissão se tornam complexos de operação de transações e de firmar compromissos de manutenção e operação. Além desses aspectos qual será o comportamento de países sem tantas fontes de energia renováveis que estarão com seus “stranded assets”? Tais situações são muito semelhantes às tensões caudas por “pipelines” de óleo e gás, onde o poder geopolítico de países

envolvidos será determinante nos condicionamentos de tal tipo de planejamento.

Em contrapartida aos Supergrids, existe a dominância de desenvolvimento de sistemas “off-grids” que operam isoladamente e independente de interligações de sistemas. Ou a descentralização maciça de produção pelo que se chama, também, “micro-grids”. Ambos se utilizam de menor escala de produção de renováveis usando micro e mini usinas associadas ao já modernos sistemas de armazenamento de energia, que são capazes de promover a estabilidade elétrica e segurança energética. Tais sistemas reduzem a interdependência entre países e a dependência de fontes fósseis de energia.

Sistemas de micro-grids ou off-grids se desenvolvem como alternativas para a eletrificação de áreas pobres do planeta podendo alterar rapidamente níveis de educação, informação e logística de áreas até então esquecidas. Isso causa inúmeras transformações sociais, econômicas e políticas, sem a possibilidade de prever seus rumos. Tais situações podem causar diferentes tipos de instabilidade social. É comum citar o exemplo do apagão de 2014 no Irã, quando a capital se encontrou em enorme caos político pelos levantes promovidos nas cidades no entorno, abastecidas com sistemas independentes.

Independente dos tipos de sistemas, entra em cena um novo tipo de risco: o risco cibernético. Todos estes sistemas são dependentes de controles operacionais sofisticados baseados em sistemas computacionais altamente desenvolvidos e ligados por redes. Assim se torna maior a vulnerabilidade por ataques cibernéticos o que pode levar a “apagões nacionais” causados por entidades ou nações em conflitos.

e- Redução da Demanda de Óleo e Gás

Temos presenciado os atuais conflitos entre nações produtoras de petróleo na tentativa de manter uma produção mínima que seja capaz de segurar um preço também mínimo. Se não chega a ser paradoxal pelo menos causa surpresa os preços negativos de óleo tipo WTI (Western Texas Intermediate) nos EUA em uma situação de economia ainda dependente fortemente do petróleo.

Convém lembrar que existe uma percepção mundial, se não esgotamento de reservas, mas da necessidade de desenvolvimento de alternativas ao uso do petróleo. Trata-se de um processo, em grande parte cultural, o que inclui o uso alternativas para o transporte a combustão (veículos elétricos, álcool, hidrogênio, etc.). Tal tipo de transformação, com uso intensivo de energia renovável, traz impactos em produtores de óleo e gás, bem como nos consumidores destes produtos.

Para os produtores observa-se o impacto fiscal pela queda de renda destes produtos. No próprio EUA o declínio de produção de combustíveis fósseis provocou significativo desemprego na indústria petrolífera e de carvão. Em que pese haver a possibilidade destas indústrias e empregos se deslocarem para o mundo de renováveis, haverá um descompasso de tempo para que isso

aconteça. A perda de renda e os impactos fiscais advindos podem provocar instabilidades sociais e políticas em países como Nigéria e Rússia, pela falta de condições dos mesmos de manter os atuais níveis de investimentos internos. Os impactos econômicos ainda estão longe de serem entendidos. Se alguns países como Arábia Saudita, Malásia, Emirados Árabes e Indonésia já estão promovendo reformas em suas estruturas econômicas, outros como Rússia, Iraque, Venezuela, Líbia, Nigéria e Angola ainda não se moveram.

Tal situação se mostra séria, na possibilidade de impactar a relação entre países, uma vez que o desequilíbrio de poder pode provocar reações de guerra pelos que se consideram ameaçados²⁸.

Do ponto de vista de países consumidores a redução significativa de venda de combustíveis fósseis pode facilitar a vida de países que não se encontram em condições de promover a mudança para energias renováveis. Entretanto isso impõe uma nova desigualdade social, política e de balança de poder. Os países que experimentam e conduzem um processo de energias renováveis desenvolvem uma nova plataforma de inovação, desenvolvimento tecnológico, bem-estar político e social aprofundando o fosso de poder com os países que não chegam neste patamar.

f- Mudança Climática

O aquecimento global passou a ser motivos de estratégias de segurança nacional dos Estados. Diversos países já consideram tal ponto e a necessidade de alteração da matriz energética mundial como fator básico para o equilíbrio mundial²⁹. Isso se deve ao fato de que o aquecimento irá provocar escassez de recursos (água e alimentos). Tal situação já tem provocado migrações entre fronteiras e estados de fragilidade social em diversos países notadamente a África.

Se por um lado o combate ao aquecimento global pode ser um elemento de harmonia e colaboração entre nações, a própria negação do fato, sem bases científicas, poderá provocar tensões e conflitos para com os não optantes de adotarem tal estratégia.

g- Acesso a Energia Sustentável pelos Diversos Tipos de Sociedade.

As necessidades sociais do ponto de vista de uso e consumo de energia ocorrem, em um mundo desigual, de forma extremamente diversificada.

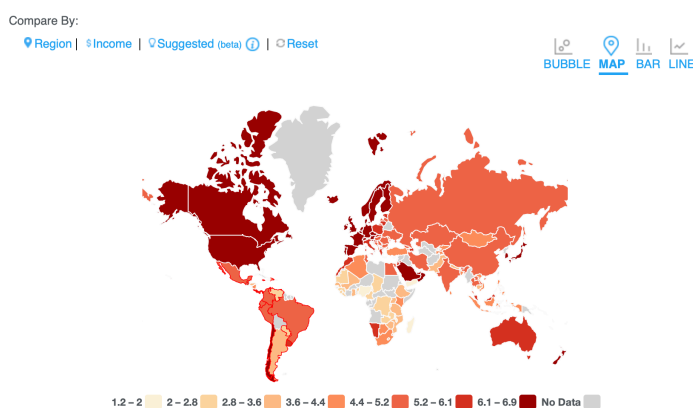
Dentro da mesma sistemática de visão de Maslow, podemos entender as necessidades básicas em termos de energia elétrica, uma pirâmide de hierarquia das necessidades, conforme dado na figura a seguir:

²⁸Livro: “Destined for War: Can America and China escape from *Thucydides's Trap*?” Graham T. Allison; Houghton Mifflin Harcourt, Boston – 2017. Alysson desenvolve a teoria se baseando na Guerra do Peloponeso: “o que fez a guerra foi o crescente poder de Atenas que provocou medo em Esparta”.

²⁹ Paper: National Security Strategy, White House, February 2015. (<http://nssarchive.us/wp-content/uploads/2020/04/2015.pdf>).



- 1- Cerca de 940 milhões de pessoas no mundo não tem acesso a energia elétrica. Cerca de 3 bilhões de pessoas não tem acesso a gás de cozinha. O consumo “per capita” de energia elétrica pode variar mais de 100 vezes entre países do mundo. O Canadá e EUA consomem 100 vezes mais que a maioria dos países da África. Os EUA consomem 5 vezes mais do que o Brasil, etc.³⁰Tal situação está colocada: nem se tem energia elétrica para as formas mais básicas de conforto, como a diversidade de consumo per capita mostra a diferença de usos entre sociedades.
- 2- Uma vez, já tendo eletricidade, é desejo das sociedades assegurarem o direito contínuo a este tipo de serviço. Compara-se isso com a segurança de atendimento das necessidades fisiológicas das sociedades por Maslow. No Brasil, por exemplo, temos 270 localidades atendidas por sistemas isolados, totalmente afastados de qualquer conexão aos sistemas de transmissão, que permitam qualidade de fornecimento. Espalhados em 8 estados estes sistemas são quase que totalmente supridos por térmicas a óleo diesel em 256 usinas, para atender 3,3 milhões de pessoas. Muitas dessas localidades não conseguem ter energia por mais de 6 ou 8 horas por dia, com restrição de consumo de óleo diesel. Tal necessidade básica de atendimento gera cerca de 3,0 milhões de toneladas equivalentes de CO₂.³¹



³⁰ <https://ourworldindata.org/energy>.

³¹ EPE- Sistemas Isolados, Planejamento do Atendimento de Sistemas Isolados, Horizonte 2023 – Ciclo 2018. Publicado em 23/01/2019.

(Onde 7 é extremamente confiável e 1 serviço precário)³²

- 3- Uma vez assegurada a garantia de ter o consumo, a sociedade se interessa em ter preços módicos, de forma a permitir não somente o conforto, como a competitividade do uso da eletricidade, em qualquer ramo da economia e do bem-estar social. Esta condição de preço está associada a capacidade de pagamento e de renda per capita de cada sociedade. São muitos os comparativos de preços entre diversos países, com variações significativas.
- 4- Assegurado o preço, as sociedades e consumidores procuram aumentar o seu próprio conforto e bem-estar promovendo a competitividade de preços (típico de um processo de concorrência) ao que chamamos de mercado livre onde as sociedades se entendem no direito de escolher o seu fornecedor e ao mesmo tempo prestar serviços para o sistema elétrico.
- 5- No topo da pirâmide as sociedades se preocupam em ter o seu tipo de consumo condicionado ao bem-estar geral. Não é de se estranhar, portanto que se esse bem-estar geral vem dos benefícios da energia renovável, ele deverá se dar em ambientes de maior renda per-capita.

6- CASO ALTERNATIVO: A GEOPOLÍTICA DA “GLOBALIZAÇÃO” EM TEMPO DE VÍRUS

Antes de entrar na matéria, pelo momento atual, tomamos a liberdade de reproduzir, a assertiva publicada por Friedman³³: “Uma pandemia no mundo do Wal-Mart seria um pesadelo com enorme poder contra o achatamento vindo de duas direções ao mesmo tempo: De um lado, o mundo plano permitiria que qualquer pandemia se espalhasse muito mais rapidamente e muito mais longe, provavelmente matando muito mais pessoas. E, de outro lado, tornaria a devastação econômica decorrente dessa pandemia muito maior e mais repentina, porque nossa resposta natural a pandemias é erguer muros e cortar a conectividade e o contato cara a cara- uma vez que o movimento de interação tanto de pessoas quanto de bens é precisamente o que se espalha algo como o vírus da influenza... quase cerca de 80% da matéria bruta de drogas farmacêuticas vendidas nos EUA vêm de fornecedores no exterior, e quando a borracha, que faz as máscaras cirúrgicas aderirem à face, vem por meio de uma cadeia de suprimento sem estoques, que começa na Indonésia ou na África, estende-se pela Europa e então pula para os EUA – nossa capacidade de nos ajustar a qualquer pandemia seria fortemente reduzida. Todo mundo faria barricadas e avisos de “mantenha distância”, rompendo a cadeia de fornecimento no mundo...”

Ainda citando o mesmo autor em sua “profecia”: “Michael T. Osterholm, ... observa que a disseminação do vírus da SARS em 2003 demonstrou com essa doença infecciosa pode se espalhar rapidamente num mundo que se torna plano, devido à velocidade e à densidade das viagens internacionais. Assim que surgiu na China rural, observou ele, a SARS se espalhou para cinco países em 24 horas, e para trinta países de seis continentes em vários meses, causando uma perda econômica de bilhões de dólares, porque, por exemplo, estivadores da Costa Oeste dos EUA não queriam descarregar navios vindos de regiões infectadas. Mas o índice de transmissão da SARS é como uma tartaruga se comparada com uma pandemia de influenza.

- Temos nos preparados para uma transmissão de vírus muito mais rápida – disse Osterholm – mas as implicações de uma pandemia de influenza mortal serão muito mais devastadoras no mundo de hoje. Essa pandemia poderia minar muitas vantagens, práticas de negócios e conveniências que temos dado como certas na era moderna – bem como interromper o processo de achatamento, deixando-o morto no meio do caminho.”

³² <https://govdata360.worldbank.org/indicators/>.

³³ Livro: O Mundo é Plano, obra já citada.

Esta versão de 2005 está sendo reproduzida aqui por ser bastante atual. Não é demais entender que tais considerações estratégicas estiverem perdidas em tempos de ufanismo global. Coube a mim, por ser elemento de elaboração de estratégia de empresa multinacional, aprofundar demais no tema de uma percepção de estrangulamento global em tempos de necessidades.

O caso do COVID-19 desperta novos estudos em termos de movimentos geopolíticos e da natureza dos movimentos de globalização x nacionalismos que se seguirão. Se desde a II Guerra Mundial a estratégia da globalização promovia, via um mundo “kantiano”, uma percepção de paz mais duradoura em lugar da dizimação de populações pelas guerras, surge o fantasma da morte por falta de vacinas ou tratamentos.

De repente o mundo se deu conta de que países estão despreparados para uma série de pandemias que se encaminham com frequência cada vez maior. Não bastassem as consequências humanas, sociais e econômicas todos se dão conta que o atual despreparo de países para o enfrentamento de tal novo tipo de batalha precisa ser reconsiderado *agora*. Editorias e artigos de prestigiosas academias e imprensa procuram mostrar que novas pandemias estão por chegar.³⁴ As interpretações sobre a fragilidade de grandes economias levam à uma série de proposições e considerações da ordem de estudos estratégicos e de geopolíticas. Como Harvard Business Review: “But because the need for some actions are obvious, Congress should simultaneously begin to work on legislation aimed at improving the country’s ability to respond to a new pandemic in the following key areas...”³⁵

Nationalism Versus Globalism



Elderly women waiting to see health workers in Mumbai. A powerful vaccine manufacturer in India has made it clear that any vaccine it produces would have to first go to India's 1.3 billion people, at least initially. Atul Loke for The New York Times

36

São sinais atuais que o mundo pode não ser mais tão globalizado em futuro próximo. Tal esforço de desenvolvimento de vacinas e/ou de drogas e tratamentos traz a sombra do nacionalismo, cujo ganhador pode favorecer sua população e ter ganho econômico e geoestratégico. A análise se baseia em dois grupamentos de disputas que se fazem claras no mundo de hoje:

³⁴ Fortune: “There will be another pandemic after the coronavirus – and it’s time to start preparing now”. (Jane J. Kim e Michelle A. Williams, 24/03/2020). Editorial do The Lancet de 08/04/2020.

³⁵ Harvard Business Review: It’s not too early to prepare for the new Pandemic. (David Blumenthal e Elizabeth J. Fowler, 17/04/2020).

³⁶ New York Times: “Profits and Pride at Stake, the race for a vaccine intensifies”. (David E. Sanger e outros. 02/05/2020).

- A disputa pela liderança nas vacinas, quer seja do ponto de vista de ter o pioneirismo de produção, quer seja na tecnologia de vacinas que permita a produção de grandes volumes em larga escala.
- A disputa por drogas e tratamento eficazes para os casos de epidemia.

Há de se considerar, em primeiro lugar, que o desenvolvimento de drogas e tratamentos são as formas mais rápidas de apresentar algum tipo de resultado. Isso porque se baseia em menor número de população para testes clínicos do que o teste de vacinas. E, também, porque drogas e tratamentos são empregados em pessoas contaminadas e em risco, sendo o resultado mais visível do que vacinas que dependem de assertividade da imunização de indivíduos no longo prazo.

As batalhas estão, como se esperava, dividida entre os três Impérios modernos já citados: EUA, China e União Europeia.

1- Drogas e tratamentos clínicos.

Existem 72 terapias em desenvolvimento acompanhadas pelo F.D.A. nos EUA³⁷. A batalha se dá em entender como se apropriar dos meios de P&D e das formas de produção de com o objetivo de atender demandas locais. 69 países já impuseram restrições de exportação, desde máscaras a outros EPI, bem como drogas.

Os EUA, por condições de tecnologias e financeiras, lideram as pesquisas por drogas, sob a ameaça de perdas de tecnologias. O FBI investiga 180 casos (dados do final de 2019) de suspeitas de roubos de trabalhos na biomedicina.³⁸ Entretanto o desmantelamento da produção global de insumos e drogas podem comprometer a capacidade de produção dos EUA em todos os aspectos. O presidente Trump invocou leis da Guerra da Coreia, para proibir a exportação de qualquer produto hospitalar ou de medicamentos. Ao mesmo tempo impinge ordens para as empresas multinacionais que deverão orientar suas ordens de compras para o mercado americano.

Nesta linha de ação, países satélites de diversos impérios (Turquia, Paquistão, Ucrânia, Tailândia, Taiwan, Indonésia, Bangladesh, África do Sul e Equador) proibiram a exportação de máscaras médicas. França e Alemanha impuseram restrições para qualquer tipo de exportação. Grã-Bretanha proibiu a exportação do hidroxicloroquina. A Índia, maior produtora mundial desse produto, dentro da xenofobia de seu nacionalismo, proibiu a exportação também, mas tendo que ceder à pressão americana, para onde abriu exceção. A China se preocupa em fornecer ajuda a países dentro da esfera de influência americana, como Filipinas e se aproxima de países como a Sérvia oferecendo ajuda em tecnologias,

³⁷ Matéria do NYT já citada: “Profits and Pride at Stake...”

³⁸ Matéria do NYT: “Search for Coronavirus Vaccine becomes a Global Competition”. (David E. Sanger e outros. 19/03/2020).

equipamentos e drogas (já que responde por 80% da produção mundial de antibióticos)³⁹.

A empresa americana Gilead, passa a contratar produção de Remdesivir em países da Ásia e Europa, como forma de fugir da produção e de entrega da droga só em território americano. A Regeneron trabalha com um coquetel de drogas que, por razões de geopolítica concentrou a produção nos EUA.

O mundo se fecha na percepção de que a nova guerra e perda populacional se faz pela falta de recursos para tratar pandemias que podem se propagar em frequências e quantidades cada vez maiores. Assim estratégias nacionais passam a ser grandes preocupações na defesa de uma indústria menos dependente de uma cadeia de produção global.

2- Vacinas.

Quem terá os lucros e a patentes de uma nova vacina bem-sucedida e com escala de produção global? EUA, China e Europa disputam tal espaço.

Cerca de 90 projetos de vacinas se encontram em desenvolvimento no Mundo, sendo que 7 desses já em testes clínicos, conforme matéria do NYT de 02/05/2020, já citada. Os ataques contra espionagem industrial na área parecem intensificar, tendo a China como a grande vilã, acusa assim, o procurador geral de Segurança Nacional dos EUA John C. Demers. A China conduz pesquisas com cerca de 1.000 cientistas trabalhando sob a controle da Academia Militar de Ciências Médicas.

Os Impérios atacam empresas com grande probabilidade de sucesso. O presidente Trump tenta atrair a promissora empresa alemão CUREVAC para ter a pesquisa e produção em solo americano. Em contrapartida a União Europeia garante outros 85 milhões de dólares para a CUREVAC sustentar suas pesquisas. O ataque continua com a chinesa BioNTech propondo compra dos ativos da já disputada CUREVAC. Observa Friederich von Bohler, CEO da empresa holding detentora de 82% do capital da CUREVAC, para o NYT: “Depois de duas décadas de fabricação de produtos medicinais na China e Índia, todos querem ter a produção em suas casas”. Há um acordar para a biotecnologia. O risco de nacionalização de empresas multinacionais passou a ser real. O risco de perda de cadeias de suprimentos é discutido seriamente por estas empresas. Coloca Severin Schwan, CEO da Roche para o NYT: “Que não se corra o risco de o nacionalismo cortar as cadeias de suprimento”.

A empresa multinacional AstraZeneca (fusão da sueca Astra AB e da britânica Zeneca Group) promove convênio com a Universidade de Oxford (que já testa a vacina em seis macacos rhesus, e se prepara para averiguar resultados em aplicação em 1.000 pessoas), para procurar a liderança no mercado global, onde ela vende em 100 países.

³⁹ Artigo do New York Times: “Global Battle Against Virus. (Peter S. Goodman. 10/04/2020).

O governo americano liberou cerca de 500 milhões de dólares para cada uma das grandes americanas Johnson & Johnson (que promete produzir 1 bilhão de doses no final de 2021) e Moderna (que desenvolveu a primeira vacina experimental).

O presidente Trump corre com o programa “Operation Warp Speed”, para ter 300 milhões de doses em janeiro de 2021. Este esforço de bilhões de dólares envolve empresas privadas, as forças armadas americanas e entidade de governo.⁴⁰ Discute-se, já, a estratégia de imunização a ser feita em solo americano.

A realidade política é que vai ditar se vai se abrir mão do nacionalismo para fabricar a vacina. A alternativa de fabricar em vários países ao mesmo tempo ainda não é vislumbrada. A Índia, maior produtora de vacinas do mundo, tem a declaração do maior acionista, Adar Poonawalla, do Serum Institute of India (maior fabricante mundial com 1,5 bilhões de doses de vacina/ano): “Primeiro vamos vacinar aqui a nossa população de 1,3 bilhões de pessoas”.

3- Desequilíbrios regionais e tensões sociais.

São reconhecidos os impactos macro e micro econômicos de uma pandemia do tipo atual. As correlações com a geopolítica se fazem, neste contexto, da mesma forma que as energias renováveis se fazem presentes em um novo contexto de bem-estar social. Só que aqui o contexto é de quase uma “sobrevivência humanitária”.

Frequentemente remetemos estes estudos para regiões afastadas como a África. Procuramos desconhecer este ambiente perto de nós. Dos casos passados, a América Latina desconheceu por demais as situações em que sociedades inteiras foram submetidas e levadas para estados de desesperos, que só pioraram ao longo do tempo.

O exemplo clássico da Venezuela mostra bem as instabilidades e mudanças geopolíticas na região da América do Sul. Parte delas, pelo que já foi demonstrado, da perda da capacidade tecnológica do país e da falta de sustentação do petróleo. Hugo Chaves ascendeu ao poder nas eleições de 2000. Elevado a condição de presidente por uma sociedade com 50% de estado de pobreza praticou uma política de inclusão social que reduziu este percentual para a metade. Não obstante a riqueza da Venezuela, em termos de petróleo, o país foi reduzido a um satélite de China e Rússia e submetida a um caos econômico e social. Em termos geopolíticos suas consequências são enormes, primeiro instalando um poder militar sem paradesiros na América do Sul e, em segundo lugar, causando uma enorme instabilidade social nos países vizinhos como consequência da deterioração causada pelos regimes chavistas.

⁴⁰ Bloomberg: “Trump’s ‘Operation Warp Speed’ Aims to Rush Coronavirus Vaccine”. (Jennifer Jacobs, 29/04/2020).

A América Latina entrou no século XXI já com grandes desequilíbrios. Nas vésperas da pandemia diversos países apresentaram explosões sociais. Chile, Bolívia e Equador deverão voltar aos agitados movimentos sociais com o empobrecimento regional. Brasil e Argentina, que alteraram seu direcionamento político em eleições recentes, enfrentarão novos condicionamentos econômicos para fazer face a um empobrecimento geral.⁴¹ Todo este processo de tensão social é fator de alteração do quadro geopolítico da região, quer seja em diferentes situações de países a serem submetidos a diversos impérios ou dentro de um contexto de luta para manter dominâncias regionais.



Mas nem só de vacinas, medicamentos e novas drogas se submete este novo mundo. Bill Gates que, por sua fundação, está aplicando cerca de 250 milhões de dólares no processo de pesquisa e democratização de vacina, alerta sobre a possibilidade de não se ter “recipientes medicinais” para o volume de vacinas e medicamentos, conforme matéria já citada do NYT. Este é um ponto complementar desta cadeia de produção a ser enfrentado.

Uma nova ordem mundial se aproxima, já discutida nas esferas de estratégia e de economia global. Pandemias, vacinas e medicamentos se colocam em uma nova perspectiva de dizimar populações, entorpecer economias e submeter nações. Neste novo ambiente a perspectiva de desenvolvimento próprio de cadeias de produção toma vulto, agora geopolítico, aliado aos novos ganhos de empresas detentoras de tecnologias.

Em lugar de drones, processos nucleares ou químicos, ou novas mortíferas o mundo se depara na arma invisível de ondas de pandemias, onde os detentores de vacinas e terapêuticas irão determinar quem vive e quem morre, onde cadeias de produção de soluções, para cada uma destas situações, são temas ainda a serem entendidos.

⁴¹ Folha de São Paulo: “Vírus pode gerar 29 milhões de novos pobres em América Latina com raiva”. (Folha de São Paulo, 05/05/2020; Sylvia Colombo).

⁴² Autor acompanhado as manifestações em Caracas em pleno processo de reeleição, em 2005, de Hugo Chaves na Venezuela. O Autor, nesta época, estava em trabalho “geopolítico” na subsidiária da AES, a EDC de Caracas. Em estudo específico, dentro do contexto da geopolítica, alertou sobre os riscos de perda das conturbações e alterações no ambiente latino-americano caso. Não foi diferente, a EDC foi estatizada.

6- CONCLUSÃO (ou Virando o Barco na Tempestade)⁴³

O processo de formação de impérios, como já mostrado, aliado a um movimento geopolítico extremamente forte, baseado em cadeias de produção globais, foram partes de um mundo “kantiano” de colaboração. Está claro que esse processo criou novas formas de dominação, dentro de uma situação de razoável estabilidade política. Tais movimentos geopolíticos são discutidos em diversos fóruns criados, indo do G-7 ao G-20 e OMC- Organização Mundial de Comércio. As agências dos diversos fóruns e entidades se sustentam em uma burocracia bem formada, mas patrocinada pelos mais ricos, o que contrapõe, sempre os interesses diversos.

No mundo plano, na visão de Friedman, ou na forma que entendemos do mundo globalizado, surge a dúvida sobre a incipiência de se ter toda esta cadeia funcionando. Já Friedman coloca: “O verdadeiro tema deste capítulo é a maneira pela qual as ameaças geopolíticas clássicas poderiam ser mitigadas ou influenciadas por novas formas de colaboração impulsionadas e exigidas pelo mundo plano, especialmente as cadeias de fornecimento. O achatamento do mundo ainda é muito recente para que possamos tirar conclusões definitivas. O que é certo, entretanto, é que à medida que o mundo se aplaina, um dos dramas mais interessantes que podemos observar nas relações internacionais será o inter-relacionamento das ameaças globais tradicionais com as cadeias de fornecimento novas e emergentes...”⁴⁴

Neste momento nos defrontamos com algumas ameaças globais que criam condições disruptivas para o modelo “Kantiano” existente. Ainda é cedo para a montagem de modelos que permitam traçar cenários para tais condições, mas não é cedo para promover certas indagações que podem ser pontos a serem desenvolvidos em trabalhos futuros. Está claro que a geopolítica atual apresenta pontos de vulnerabilidade, pelos casos citados.

- 1- As formas de negócios, as escalas globais de produção, a forma de relação em cadeias multinacionais de produção, passam estar condicionadas a uma nova estrutura de poder geopolítico.
- 2- A capacidade de inovação ganha sentido estratégico na disputa por metais raros e seus substitutos em um mundo que clama por redução da temperatura da terra. Novas biotecnologias, insumos, drogas ou mesmo produção de materiais e equipamentos médicos se tornam elementos de sobrevivência de sociedades submetidas a pandemias.
- 3- As forças de governança globais estão sendo postas a prova no sentido de entender suas capacidades de regular um mundo, ainda, de multilateralismos juvenis. Quer seja a colaboração em tecnologias de energia e interligação entre países como a cessão de produção de lotes de drogas e vacinas para diversos países.
- 4- As novas condições de poder promoverão profundas alterações e desequilíbrios inter e intra regionais. As sociedades e Estados não se conformarão em serem submetidos à falta de alimentos e água (por meio de alterações climáticas) ou

⁴³ O autor pega emprestado o mesmo título de conclusão do Livro: O Terremoto Financeiro, a Primeira Crise Global do Século XXI, Norman Gall, Editora: Elsevier Editora Ltda, SP. 2010. Neste livro Norman analisa a crise financeira mundial de 2007. Leitura atual para a nossa realidade hoje, também.

⁴⁴ Obra já citada, O Mundo é Plano. Thomas L. Friedman.

de mortes por pandemias (sem recursos para resistirem). Não se pode prever como estas situações trarão consequências.

- 5- Uma nova ordem econômica e política deve surgir, nem que seja alguma variante da atual. Prever neste momento é difícil. Ou o mundo caminhará para um novo tipo de “voluntarismo responsável”, onde processos estratégicos de produção, quer sejam energias renováveis quer sejam drogas e vacinas estarão alocadas em territórios nacionais ou em torno dos impérios formados para suas conveniências.

Certo é que teremos ganhadores e perdedores. Os impérios sofrerão abalos, mas é cedo para saber quem ganha ou perde no poder global.

Os EUA desdenharam o acordo de Paris, se dispuseram a não abraçar totalmente a causa das energias renováveis, propondo recuperar a produção de parte de combustíveis fósseis. Perderam parte de competência em produtos e equipamentos nesta área. Agora recusam abraçar a causa mundial do vírus COVID-19. No passado os EUA foram lideranças no combate do HIV e Ebola.

A Europa perdeu terreno na produção de grande parte de sua indústria solar, pressionada pelas melhores condições de produção da China, mas são parte de uma sociedade que demanda fortemente a mudança de postura em função do acordo de Paris. A União Europeia sofre abalos por não se ter condições financeiras de sustentar a bancarrota de todos os seus países dominados pelo peso do vírus.

A China entra em forte escala de produção de equipamentos em energias renováveis, com forte consumo interno, em que pese ser o segundo país, depois dos EUA, em emissão de CO₂, sem preocupações com isso. Se proclama vencedora na batalha interna do vírus, com menores taxas de mortalidade (o que é difícil de ser comprovado, pelos níveis de censura e possíveis adulterações estatísticas de um país totalitário). Sai na frente, junto com outros, na procura de vacinas e tem uma capacidade extraordinária na produção de medicamentos. Sua excepcional capacidade de ofertar ajuda e conciliar interesses a coloca como a grande investidora em diversos países do mundo em qualquer situação. Certamente na área da pandemia a vantagem chinesa é enorme neste momento.⁴⁵

Se ainda é cedo para desenhar ganhadores e perdedores tem-se indícios, certamente, que a China já desponta, o que pode deslocar o poder do eixo ocidental. Mais do que uma simples guerra comercial entre impérios estaremos, certamente, observando uma reordenação de forças.

Desta forma alteram-se drasticamente os movimentos de um novo mundo. A analogia que se faz presente nesse trabalho é de se ter “duas” pandemias em curso para as alterações geopolíticas:

- 1- O aquecimento global;
- 2- Covid-19.

⁴⁵ The Economist: “Is China winning? The geopolitical consequences of covid-19 will be long-lasting and unfortunate”. (18/04/2020).

Para as duas pandemias as terapias estão postas:

- 1- Energias renováveis como parte da solução do aquecimento global;
- 2- Vacinas e novos remédios para o combate ao Covid-19.

Também as ameaças não acabaram. A falha no controle do aumento da temperatura global levará o mundo a disputar águas e alimentos. A iminência de novas pandemias levará o mundo a rediscutir o movimento migratório e procurar novos insumos farmacêuticos em biomas disputados. Em ambos os casos a Amazônia tem tudo para ser a bola da vez.

Resta saber quem serão os líderes no desenvolvimento de tais “terapias”, na produção em larga escala de tais terapias, na percepção mundial de qual será o esforço de manter um mundo colaborativo ou mais fechado em entidades nacionais. Deste novo mundo poderá se ter uma instabilidade dos impérios formados.

E isso transcende o objetivo desta reflexão, mas fica um alerta, já que voltamos a Graham T. Allison, em sua teoria do *Thucydides's Trap*:

- Quais serão as Espartas que terão o medo das Atenas que se fortalecem?

FIM